ERRÂNCIAS EM MONTEVIDÉU

Elisângela da Silva SANTOS[1]

Resumo: O livro *Vagabundo y Errante: peripécias de Pedro P. Pereira* (2009), de Mário Delgado Aparaín, é composto por diversas histórias que demonstram o cotidiano de personagens moradores da cidade de Montevidéu. Neste artigo propomos perceber como alguns elementos da formação da nacionalidade uruguaia são resgatados e mostrados pela narrativa de forma irônica e ao mesmo tempo cômica.

Palavras-chave: Montevidéu. Pobreza. Ironia. Errância

[...] Só porque erro acerto: me construo.
Margem de erro: margem de liberdade[2]

Pedro P. Pereira é a personagem principal do livro *Vagabundo y Errante: peripécias de Pedro P. Pereira*, do escritor Mário Delgado Aparaín. Foi lançado em 2009, e é composto por diversas histórias, cujo denominador comum é justamente Pedro P. Pereira, que segundo o autor, trata-se de uma personalidade conhecida de seu pai, e também seria uma espécie de homenagem ao primeiro vagabundo que conheceu em sua vida.

As histórias são narradas a partir da cidade de Montevidéu, uma paisagem urbana, singular e melancólica que desponta a partir das "errâncias" de Pedro P., ou também conhecido como *Conde de Caraguatá*:

> Con un zapato negro y el otro marrón, la chaqueta de fino cuero noruego remendado en el hombro donde carga la maleta de lona con las botellas de vinos seleccionados, don Pedro P. Pereira Pintor de Puertas y Portal por Precio Proporcional para Personas Pobres, más conocido como el Conde de Caraguatá, abandonó el Parque de los Aliados y tras cuarenta minutos de caminada, llegó hasta el final de la calle Cerrito en la Ciudad Vieja, para saludar a su viernes de cumpleaños de don Jesús Pelayo, *un marino asturiano* a quien allá por el año dos mil dos, le fue mal en negocio de contrabando y *decidió no trabajar nunca más* (APARAÍN, 2009, p. 15, grifos nossos).

---

[1] Aluna de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista/Campus de Marília. Atualmente desenvolve pesquisa a pesquisa intitulada "José Enrique Rodó e Monteiro Lobato: aproximações e diferenciações entre seus pensamentos e projetos para o Brasil e para a América Latina", financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Email: licass20@yahoo.com.br.

[2] Orides Fontela.

É este o parágrafo de abertura do livro, onde percebemos o principal elemento que permeia toda a narrativa: o contraste entre a decadência e a ostentação, desdobrando também na relação entre passado e presente. Pedropé é um conde, portanto, dono de um título nobiliárquico, herdeiro de uma personagem uruguaia histórica, admirador de vinhos selecionados, e conhecido por personalidades importantes, entretanto, vive na situação de mendicância, é morador do "Parque de los Aliados"[3]. Assim, logo de início, o passado mostrado seria nobre e o presente decadente.

As personagens que aparecem no livro, em sua maioria, não trabalham, mas possuem profissões, além disso, em nenhuma das situações narradas, procuram emprego, ou tem a pretensão de atuarem de modo formal na sociedade. São donas de *passados misteriosos*, que não é revelado efetivamente ao leitor, apenas indicado. Algumas não são uruguaias, sim imigrantes que encontraram território seguro e as portas abertas para sua entrada. Na primeira história do livro temos a presença de dois imigrantes, e é como se Pedropé adentrasse à paisagem uruguaia a partir da visita realizada aos dois amigos imigrantes, o asturiano Marinheiro, Jesús Pelayo, e sua companheira Ekaterina Fonamor, "La rusa", descendente da família do czar Nicolás. Tratava-se da mesma data do aniversário de Don Quixote, por isso haveria uma surpresa a todos naquela noite: o cardápio do jantar seria especial, pois conforme o aniversariante: "Que no por vagabundos debemos privarnos de ciertos gustos" (APARAÍN, 2009, p. 17). Mais adiante, Jesús Pelayo descreve como conseguiu os ingredientes para o preparo do jantar:

> A falta de palomitos del domingo, he conseguido tres palomas de viernes en la plaza de Don Mauricio de Zabala, que sin plumas y con ajo, saben igual sabrosas. Y además, una pata de cordero abandonada por un ingeniero hoy al mediodía en una mesa de "El Palenque"...Para tenerla, hice el sacrificio de esperar cerca de cuarenta minutos, de pie, viendo pasar comida y más comida hasta que el mismo chef me vino a atender en persona. Y allí he visto que *vosotros los uruguayos* no sois afectos al ovino. Y el cordero en tiempos de Don Quijote era comida de nobles, pero no la vaca, que era de pobres... (APARAÍN, 2009, p. 18, grifos nossos).

As pombas da praça *D. Mauricio de Zabala* e os restos de comidas deixadas no restaurante fizeram parte do cardápio da noite, além de vinhos da Adega Fornaro. Por

[3] Trata-se de um bairro da cidade de Montevidéo, que antes era chamado de "Parque Batlle" em homenagem ao ex-presidente José Batlle y Odóñez, mas depois da Primeira Guerra Mundial fora denominado de Parque de los Aliados, em homenagem aos aliados das nações "vencedoras" do conflito. Fora projetado por um paisagista francês e remete diretamente aos parques franceses.

mais que se tratassem de vagabundos como disse Jesús Pelayo, não se privariam de "certos gostos", demonstram que se tratavam de pessoas que tiveram de alguma forma o contato com a sociedade de costumes aristocráticos. Além disso, o fato de conhecerem e de citarem Dom Quixote, demonstra letramento e uma relação entre o passado e o presente, Pelayo diz que a carne de vaca, um dos símbolos cultural, econômico e gastronômico mais importante no Uruguai dos dias de hoje, nos tempos de Don Quijote, era destinada aos pobres, e o cordeiro, "comida de nobles".

A presença de imigrantes nesta história nos faz remeter a um aspecto da sociedade uruguaia que definiu a característica de sua população. A partir de 1830. houve um forte incentivo à imigração nesse país. Foi um processo regulamentado durante as duas décadas iniciais de sua independência. Conforme Carlos Zabillaga (1999), a Imigração era vista como fator de "engrandecimento" e de "progresso", portanto havia por parte do governo, uma "benévola proteção aos imigrantes". Estes eram provenientes em sua maioria da França, Itália e Espanha, aspecto afirmado pelas autoridades comerciais e políticas como motivo de orgulho, pois o Uruguai se constituiu como única nação da América Latina a não possuir indígenas entre sua população. Estes foram praticamente dizimados pelos espanhóis, restando apenas 3% da população mestiça. A partir da década de 1890, o país passou a não aceitar como imigrantes aqueles que sofriam de alguma doença contagiosa, os mendigos, os indivíduos vistos como inaptos ao trabalho, e os maiores de 60 anos. Esse longo ciclo migratório se encerrou no momento em que se começava a aprofundar os efeitos da crise de 1929.

Os imigrantes presentes na narrativa de Aparaín fazem parte dos uruguaios pobres, apesar de suas supostas descendências históricas. Carlos Reyes (2009), comentando esse livro de Aparaín, afirmou que as personagens se movem num Uruguai profundo, resistindo a infelicidade de forma digna, além disso, a narrativa não apresenta uma visão educadora da pobreza, pois não é idealizada e também não existe uma excursão vaga por ela. A prioridade é pelo registro da afetividade, das paixões irracionais, do amor, e também, pelo sentido do humor.

Percebemos no decorrer das histórias que Pedropé apresenta um modo de reconhecer e tratar com reverência as "pessoas pobres", os errantes e os vagabundos. Isso pôde ser notado no momento em que recebeu a visita da embaixada brasileira. O Conde estava conversando com seus amigos no Parque dos Aliados, quando foi abordado por um homem de terno e gravata e perguntou pelo Conde, este desconfiado

que se tratava da polícia, mas há muito tempo não tinha problemas com ela. O homem que viera acompanhando a embaixada brasileira, pediu que o Conde o seguisse:

> Cuando el Conde se aproximó al poderoso automóvil, se vio rodeado de gente extraña y bien vestida, presumiblemente hombres de la custodia brasileña, que lo miraron con una mezcla de curiosidad y recelo, como sidudassen de permitirle acercarse a más de un metro del vehículo. Solo un foco de mercurio en la altura, iluminaba la escena. De pronto, el Conde se vio frente a un hombre sonriente, de barba cuidada y baja estatura que *habló en portugués, con la voz casi inaudible y ronca del que alguna vez en su vida ha dejado pasar la piedra esmerilada de la pobreza por su garganta*. Lo miro a los ojos y mientras dejaba reposar con calidez una mano sobre su hombro, le dijo que era un honor conocer al único descendiente de Petronio Pires Pereira, hombre de la Gran Demarcación de las Fronteras de 1752 y sin cuya participación, el territorio del Brasil jamás hubiera sido lo que es en la actualidad. El Presidente dijo además que le emocionaba reconocerlo con todas las de la ley y para demostrarlo, le colgó la Orden Nacional do Cruzeiro do Sul en grado de Gran Cruz en la maltrecha solapa de su gabardina negra de segunda mano. A continuación, uno de sus asistentes le alcanzó una caja envuelta en papel celofán plateado que terminó en los brazos del Conde. Luego el Presidente le estrechó la mano, le deseó suerte en la vida y volvió al automóvil que en segundos arranco y desapareció por el sinuoso camino del parque, sin serenas ni aspavientos. Mientras tanto, el Conde permaneció estático bajo la penumbra vegetal, abrazado a aquella caja de madera de la que emanaba una fragancia agradable a regalo de lujo, con la mirada fija en la hilera de luces rojas que se marchaban (APARAÍN, 2009, pp. 26-7, grifos nossos).

O Conde de Caraguatá foi surpreendido pela comitiva brasileira. Esta tinha como marca a aparência diplomática que ostentava o poder, e ao mesmo tempo, tinha como missão, homenagear o homem herdeiro do grande demarcador de Fronteiras, em 1752, que como dissera Lula "sem a participação o território brasileiro jamais seria o que é na atualidade". É interessante notar novamente que a decadência e a ostentação, o passado e o presente caminham juntos. Pedropé, ao descrever a voz do Presidente da República Brasileira, a classifica como rouca, como se alguma vez em sua vida tivesse deixado passar "A pedra da pobreza em sua garganta". Talvez uma referência à idéia da política que muda de "lugar", se no passado não poderíamos cogitar que um ex-operário, advindo da camada pobre da população brasileira, pudesse ser presidente da República, no presente isso se realizou e naquele instante estava ali como representante do Brasil, entregando aquele herdeiro de importante personalidade, garrafas de vinhos selecionados e um queijo, produzidos em territórios nacionais. Quem sabe uma ironia do narrador que poderia estar dizendo ao leitor que o Brasil estava ali condecorando Pedropé pela demarcação de terras, ou seja, representava o "poder do vencedor", mas o verdadeiro produtor de queijos e vinhos não seria o Brasil, sim o Uruguai. Uma maneira

sutil de dizer que em relação a isso, o Brasil não poderia ter uma postura "imperialista", como teve se reconhecendo "vencedor" da demarcação de terras.

Após receber o presente, o Conde retornou à sua roda de conversas com seus amigos, abriu "o que parecia ser os melhores vinhos do Brasil", cortou com sua faca quatro pedaços iguais do queijo e dividiu solidariamente com os outros vagabundos e errantes. Estes, curiosos com o fato, perguntaram a ele se aquela história era realmente verdadeira, e ele respondeu simplesmente: "Hablando con franqueza, nunca si puede saber si es verdad. Pero los brasileños cuentan esta historia como verdadera. Y eso, a mi, para qué disimularlo, me agrada" (ARARAÍN, 2009, p. 32).

O que chama atenção do leitor é a maneira bem humorada que a personagem principal encara os fatos ocorridos a sua volta: "sem a desfarçatez de classe", nem quando se tratam de assuntos considerados "sérios".

Outra personagem da história que ganha bastante relevo na narrativa é o poeta William Raffo, amigo de errâncias do Conde de Caraguatá, que era grato por certa ocasião que o ajudou quando fora vítima de uma de suas hipotermias. O Conde admirava que aquele homem com problemas de sobrevivência fosse um poeta: "(...) los buenos poetas de cualquier parte del mundo cargaron en su mayoría, con la peor de las vidas posibles" (APARAÍN, 2009, p. 40). William Raffo escreve suas poesias enquanto passa roupas, mania adquirida para curar sua depressão e ansiedade, segundo ele:

> No podía dormir, tenía una depresión anímica insoportable y sentía que el insomnio me estaba acortando la vida a pasos acelerados. Entonces, encendí la luz y en lugar de mirar el techo, pasé un buen rato observando mi camisa blanca colgada del respaldo de la silla, con las puntas del cielo hacia arriba y las mangas arrugadas, hasta que al fin entendí que las arrugas me resultaban intolerables. Las de la ropa y las del alma. Pensé que me sentiría mejor si me levantaba de la cama y planchaba la camisa. Lo hice. Cuando terminé, aquella prenda parecía otra. Después seguí con los pantalones, los calzoncillos y todo lo que encontré a mano. Cuando llegó el amanecer, había planchado hasta las cortinas de la ventana y las sábanas de la cama. Mirarme al espejo antes de ir a trabajar al Almi Bar, afeitado y con aquella camisa perfectamente lisa, los pantalones como tablas y los zapatos lustrados, me hizo sentir bien. Muy bien. A partir de entonces, no dejé de hacerlo. Lo hago todos los días. Planchar levantó mi autoestima, me proporcionó un equilibrio interior que antes no tenía y me hizo sentir especialmente virtuoso. Daría que hasta me proporcionó un asidero para evitar los sentimientos cambiantes y la permanente fuga de las cosas. Hasta pudo haber evitado que mi destino fuese el de un canalla al incrementar mi inteligencia y llevarme a descubrir que podía manejar varios planos del pensamiento al mismo tiempo... (APARAÍN, 2009, pp. 48-9).

Raffo, enquanto passava roupas escrevia seus poemas, e o seu primeiro livro, escrito enquanto passava, recebeu o Terceiro prêmio do Concurso Latino-Americano de

poesia de *La Serena*. Entretanto, isso não fora motivo para deixar de ser um errante e saldar suas dívidas adquiridas enquanto morava na pensão onde passava tudo o que via pela frente em suas noites de insônia e depressão. Quanto ao prêmio recebido pelo poeta, caberia a crítica feita pelo Conde:

> (...) lo que importa es que el libro ¿*Y yo qué*?, con el poema del mismo nombre y los ciento treinta siguientes que escribió mientras estuvo planchando en la habitación seis a lo largo de dos años, lo llevó, para su sorpresa y emoción, a ganar el tercer premio del Concurso Latinoamericano de Poesía de La Serena, convocado con motivo de cumplirse el año dos mil de nuestra era" (APARAÍN, 2009, p. 43).

Esta personagem do livro talvez pudesse ser encarada como uma espécie de síntese da visão irônica, sarcástica e bem humorada da literatura uruguaia depois do período de Ditadura Militar (1973-1985). Essa literatura, conforme Fernando Aínsa (2003), utilizou alguns "subeterfúgios" como a ilusão, a paródia e a ironia, como aspectos de recusa de censura e da repressão, o que resultou em eficazes recursos de "desdramatização da realidade":

> Reír-se de si mismo o de las situaciones narradas es una forma de desplazar el enfrentamiento maniqueo y de le eludir categorizaciones o dogmatismos que se consideran inútiles. El mérito de no tomarse excesivamente en serio, evita hacer de la escritura algo triste, solemne o transcendente. El humos se transforma en el arma corrosiva con la cual se desnudan los tics, tópicos y personajes arquetípicos de la sociedad. Un humor que denuncia los abusos del poder, la burocracia, las inercias y rutinas de una realidad fracturada y viviseccionada con un frío escalpelo, pero cuyo firme pulso de escritura está guiado por un afecto estrañable del cual se adivina su secreto temblor (AÍNSA, 2003, p. 32).

É interessante percebermos também que talvez a narrativa estivesse alertando para o fato de que "um homem com problema de sobrevivência", como disse o Conde, poderia ser um poeta e que apesar de trazer a marca do sofrimento, da angustia, escrevia sem pompa, pois sua fonte de inspiração adivinha do corriqueiro ato de passar roupas. O Dandismo, Boêmia, cenário de inspiração de muitos poetas, é abandonado e abre-se espaço para a uma atividade cotidiana, que nas poesias de Raffo adquire tons sublimes, entretanto, sem a arrogância poética, e o aristocratismo intelectual, a ociosidade e o refúgio não são características desse escritor, sim, como afirmou o Conde de Caraguatá, pode ser definido da seguinte forma: "Un poeta que plancha sus camisas y las de sus amigos, necesariamente tiene que ser un buen hombre" (APARAÍN, 2009, p. 37).

A experiente Montevidéu:

As personagens que surgem a partir das errancias e peripécias de Pedro P. Pereira são pessoas mais velhas, os jovens têm pouca expressão na narrativa. Esse aspecto na ficção de Aparaín pode nos conduzir à uma condição real da população Uruguaia. Essa nação, juntamente com Cuba, apresenta o menor crescimento populacional do Continente Americano, além disso, é a nação mais intensamente urbanizada da América do Sul. A forte corrente migratória proveniente da Europa, e o rápido desenvolvimento da incipiente República Oriental do Uruguai a partir de 1830, transformaram a modesta paisagem urbana. Conforme César Loustau (2003), Montevidéu oferece diversos estilos arquitetônicos, que tentam conjugar o estilo tradicional com o moderno, além disso, existe um ligeiro ar nostálgico e decadente (não é por acaso que a cidade é divida pela denominação "cidade nova" e cidade velha"), uma vez que alguns de seus edifícios possuem características de santuários. Em seu Centenário de Independência, em 1930, foi inaugurada diversas obras construídas para comemorar a data, dentre elas estão parques, avenidas, ruas e edifícios.

No livro, Pedropé vive no parque dos Aliados, as ruas e as praças são lugares de incursões das personagens, e também são os cenários das freqüentes hipotermias sofridas pelo Conde. Essas eram duras "como homem que bebia demais", como resultado dessas noites passadas ao ar livre, na companhia de suas inseparáveis garrafas de vinho e de amigos. Sob um "poco de frio en el alma", o Conde de Caraguatá acordou num hospital, rodeado por jovens futuros médicos e servindo como exemplo para a aula cujo assunto era "hipotermia":

> -!Por qué no se van a joder a otro lado!...¿Qué es esto? ¿Acaso creen que estoy en un maldito hospital? El profesor pareció recobrar la humanidad perdida, lo miró con una expresión bonachona y volvió a repetir "Buenos días, Pedropé", mientras le ponía con suave firmeza una palma en la frente y lo invitaba a retomar su posición sobre la almohada. Luego se dirigió a una jovencita de aspecto somnoliento, empeñada en masticar una lapicera para mantenerse lúcida.
> -Venga usted, Lorena, empecemos con la historia clínica...Pero antes, siéntese y escuche. Nunca olvide a don Gregório Marañon, el principal instrumento del médico es la silla. [...].
> - Buen día, abuelo... Dígame su nombre...
> El Conde la observo con enojo. Estuvo a punto de largar un exabrupto, pero opto por entornarse los párpados y responder la pregunta *en voz muy baja, en el tono digno y señorial con que gustaba de hacerlo.*
> -Me llamo Pedro P. Pereira, Pintor de Puerta y Portal, por Precio Proporcional para Personas Pobres...[...]

> -¿Qué edad tiene? – preguntó ella anonadada volviendo al Conde?
> -Mmm... Antes que ustedes llegaran estaba tan bien en esta cama, que si las cosas seguían como estaban, podría acercarme a la edad de Matusalén...Pero ahora tengo mis dudas y no sé si pasaré de los setenta y dos...
> -¿Tiene setenta y dos años?
> -No dije eso, mi niña, no dije eso...Si no prestas atención nunca vas a llegar a ningún lado. En realidad, la edad es un acontecimiento relativo, que hasta depende del día o de la noche que hayas pasado. El viernes a mediodía, por ejemplo, sentí con pasmosa claridad que no llegaba a los cincuenta años. Después, si quieres, te contaré por qué. Sin embargo, la lluvia terrible que cayó antes de anoche, esa tormenta helada y oscura que parecía no terminar nunca, me deprimió un poco. En esas horas sentí que tenía unos setenta y cuatro años, tal vez setenta y cinco... ¿*Entiendes como es la cosa*?
> -Qué hace, abuelo? ¿De qué se ocupa, donde vive?
> -Soy Conde...*Me ocupo de temas pontuales* y vivo en el parque de los Aliados, pero prefiero no hablar de eso en un reportaje. Además, nos llevarían mejor si no me llamaras "abuelo"[...].
> -¿Usted es alcohólico? ¿Qué ingirió en las últimas horas?
> - ¿Qué ingerí? Mira, veré si puedo explicarlo para que tu cabecita lo entienda...En todo caso debo ser un alcohólico solidario, porque detesto tomar solo. Tal vez la noche del viernes nos excedimos un tanto con mi amigo el griego Tomatos (APARAÍN, 2009, pp. 101-103, grifos nossos).

Pedropé não se rebaixa aos médicos, principalmente perante a jovem, que o irrita com sua história clínica e com a forma de tratamento, como "avô", além de questioná-lo sobre seu alcoolismo. A aula teve o Conde como exemplo, e quando chegara ao final, o médico professor ordenou que ele retornasse a sua "casa", já que o hospital contava com poucos leitos, e como quem não quisesse entender a condição de sobrevivência do Conde, o adverte para não dormir ao relento, comer comidas quentes e tomar apenas vinho nacional, talvez uma espécie de advertência e de orgulho, como se quisessem dizer que o vinho nacional era confiável e não faria Pedropé ter complicações sérias à sua saúde.

O Conde, após deixar o hospital seguiu per suas errâncias, e demonstrando sua dignidade e solidariedade com um desconhecido desesperado, evitou seu suicídio. Tratava-se de Tortelio Cruz, demitido do NY Cross Coutry Bank, por suspeita de roubo, por conta disso foi abandonado pela esposa e pelos filhos. Quando estava com a arma engatilhada na boca, o Conde o abordou dizendo: "No sea imbécil, no lo haga..."(APARAÍN, 2009, p. 107). E logo em seguida se apresentou ao suicida em potencial que ficara intrigado com a forma que Pedropé o abordara:

> Mi nombre es Pedro P. Pereira, Pintor de Puerta y Portal, por Precio Proporcional para Personas Pobres. Y mi sencillez, a la vista de quien quiera verla, nada dice de mi nobleza...Soy el Conde de Caraguatá, condecorado con la Orden Nacional do

> Cruzeiro so Sul en grado de Gran Cruz, y lê advierto que me importa más el vino que cualquier otra cosa que se mueva en los alrededores del Parque. Aunque tengo que confesar que las mujeres, siempre que se muevan, también me gustan (APARAÍN, 2009, p. 108).

Depois da apresentação, o Conde retirou suas comidas e garrafas de vinhos conquistadas ao longo do dia, e fizera um convite para que Tortelio o degustasse em sua companhia. Era um convite, que conforme ele mesmo, não era feito a qualquer um:

> -¿Qué le parece?...Un Caillabet Merlot 2003. Lo más uruguayo que usted pueda imaginar, mi amigo. Bouquet aromático, sabor a tanino encarlelado y algunas notas dominantes de moras y cuero. Y además un buen cuerpo... Si usted lo sostiene en la boca y cierra los ojos, tendrá la clara sensación de escuchar los pasos de una mujer de veintidós anos que se pasea desnuda en zapatos rojos de tacos altos por el pasillo de la Pensión Yakarta en la calle Durazno, la misma que suelen frecuentar algunos marineros coreanos los viernes a medianoche...(APARAÌN, 2009, pp. 109-10).

Tortelio Cruz provou o vinho e realmente concordou com a descrição de Pedropé, e ficara curioso como o Conde conseguiu aquela preciosa garrafa de vinho:

> Anoche, en una pequeña reunión de traumatólogos del sindicato médico en "La Taberna del Sol" de la calle Jackson, este vino acompañó una tabla de quesos envejecidos y un pollo con puré de manzanas preparados por el mismo Guyo.
> -¿Guyo?
> -El dueño, vamos. Un hombre del jazz y fanático de las reuniones de poetas. Él me puso al tanto de esa cena y, por supuesto, no me la iba a perder.
> -¿Usted cenó con los médicos?
> - No, detesto la medicina. Y a los traumatólogos que toman vino con el doctor Villaverde a quien conozco de varia ollas, les tengo...¿como le diría?...cierta cautela en el rato. Pero soy un hombre de paciencia y muy considerado con el pulso de esa gente. Siempre espero afuera hasta que terminan de cenar y me hago del vino restante (APARAÍN, 2009, pp. 110-111).

O Conde dissera depois da explicação que não tinha nem frango e nem pizza para acompanhar o vinho, sim alguns raviólis frios que ganhou da dona de um bar, que também era amigo. A noite se findou com muitas garrafas de vinho, leitura de poemas e conversas sobre diversos assuntos. O ex-funcionário do banco internacional encontrara abrigo na Montevidéu de Padropé, que se mostrava decadente, pobre, mas guardava a dignidade e a herança de um lugar que havia sido considerado a "Suíça da América", seus vinhos nacionais eram de qualidade e capazes que evitar um suicídio.

É interessante percebermos que este livro nos apresenta de forma despretensiosa, equilibrada e até generosa um personagem literário que pode ser visto como um "herói

marginal", "um perdedor", que tem consciência de seu lugar nesse mundo das peripécias. A pobreza não nos é apresentada pelo recurso do pitoresco, não é mascarada pelo tom rústico e nem mostrada por meio do tom acusatório.

Característica interessante em uma literatura que viveu o cerceamento da ditadura e que nos anos de 1980 e teve uma renovação do romance histórico, a forma predominante de narrativa deste país, mas que conforme Angel Rama (2001), expressou a crítica e o descontentamento por meio de um tom depressivo e melancólico, passando pelo isolamento individualista, pela marginalização desconfiada e também, através de uma inserção profunda na realidade histórica do país.

Aparaín neste livro seguiu outro caminho, a partir de uma crítica bem humorada tentou demonstrar uma Montevidéu que ri de sua falsa ostentação, de seus costumes nobres e também de heróis históricos distantes da realidade atual. Talvez a frase de Mário Benedetti – que dissera na década de 1960 que Montevidéu não possuía caráter latino-americano – possa ser repensada a partir dessa obra, cuja entrada na história é feita a partir da porta de traz.

Abstract: The book Vagabundo y Errante: peripécias de Pedro P. Pereira (2009), of Mário Delgado Aparaín, is compound of various stories that show the everyday life of resident personages of Montevideu. This article aims to perceive how some elements of formation of Uruguayan nationality are presented in the narrative as ironically as comically.

Key-words: Poverty. Irony. Wandering

Referências Bibliográficas

AÍNSA, Fernando. Los nuevos centros de la periferia. In *Cuadernos Hispanoamericanos*. Dossier Aspectos de la cultura uruguaya, número 632, febrero. Madrid, 2003. pp. 29-40.

ALVARADO, José Maria García. *Uruguay*. Madrid: Ediciones Anaya, 1988.

APARAÍN, Mario Delgado. *Vagabundo y errante*: peripecias de Pedro P. Pereira. Montevidéo: Ediciones de la Banda Oriental, 2009.

BENEDETTI, Mario. *Literatura Uruguaya del siglo XX*. Montevidéu: Ediciones La República, 1991.

CARBAJAL, Fabiano Dubenedetti. *Vozes alternativas na reconfiguração dos mitos fundacionais*: presença da mulher, do negro e do índio no romance histórico contemporâneo uruguaio, 2007. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

LOUSTAU, César J. La tradición de la modernidad. In *Cuadernos Hispanoamericanos*.

Dossier Aspectos de la cultura uruguaya, número 632, febrero. Madrid, 2003. pp. 41-52.

RAMA, Ángel. Apud REYES ABADIE, Washington, MELOGNO, Tabaré. *Crônica General del Uruguay: Tomo 7 El siglo XX*. Montevidéu: Banda Oriental, 2001, Vol. II, p. 306.

REYES, Carlos. Los nuevos relatos de Mario Delgado Aparaín. Libros: um personaje real como disparador de la fantasia. In *El País*, Montevidéo, 2009. Disponivel en: http://www.elpais.com.uy/090504/pespec-414748/espectaculos/los-nuevos-relatos-de-mario-delgado-aparain .

TORRES, Alicia. Los negros en Mario Delgado Aparaín: Una poética de la subversión. In *Papeles de Montevideo*. Literatura y cultura: aproximaciones a la narrativa uruguaya posterios a 1985. Montevideo: Ediciones Trilce Octubre 1997, número 2. Pp. 53-65.

ZUBILLAGA, Carlos. Breve panorama da Imigração maciça no Uruguai (1870-1931). In *Fazer a América*: a imigração em massa para a América Latina. FAUSTO, Boris (org.). São Paulo: Edusp/Fundação Memorial da América Latina, 1999.